

DARCY RIBEIRO EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE NACIONAL

FLAVIO DINO BURITI - UFPB

1 – Introdução

Falar sobre Darcy Ribeiro é sempre um desafio. Este homem é uma enciclopédia vastíssima de assuntos sociais, que não se prendeu aos estudos antropológicos e passou pela sociologia e educação “remendando” universidades mundo afora. Foi exilado, direitos políticos cassados, mal interpretado, mas atuante na política na causa pela educação e cultura brasileira.

Darcy Ribeiro foi muito criticado por não ter-se dedicado exclusivamente à Antropologia. Foi incompreendido, pois ninguém é exclusivamente médico, nem exclusivamente historiador. Todo historiador é um pouco sociólogo – na medida em que compreende os processos sociais, compreende um pouco da mente humana e age diretamente na sociedade escrevendo, falando, ensinando ou aparecendo na televisão. Os antropólogos devem muito a este pesquisador pela sua audácia de lutar na esfera política pelas causas que os índios tanto reivindicam.

Darcy Ribeiro foi Antropólogo mas não por muito tempo. Nesse curto período – anos 60 – escreveu livros que hoje são essenciais na história da antropologia. Influenciado pelo professor Herbert Baldus, estudou os índios brasileiros e tanto os compreendeu, que se apaixonou pela causa e foi lutar por melhores políticas indígenas na FUNAI. Darcy Ribeiro participa da criação do Museu Nacional do Índio, onde posteriormente colaborou para a abertura de um curso de pós-graduação em Antropologia, pois sentia a necessidade de desenvolver esta ciência no país e formar novos antropólogos. Sabia de suas limitações – como ele mesmo dizia: “Cada um sabe de si”. Darcy Ribeiro havia mudado sua atitude frente a academia abrindo os estudos antropológicos para novos objetos e discutiu ainda com o Serviço de Proteção aos Índios que dificultavam o seu trabalho enquanto professor do curso impondo-lhe grandes dificuldades burocráticas e formalidades excessivas. (BOMENY, Helena. 2001:45)

É quando Darcy Ribeiro percebe a precariedade do ensino no Brasil e o quanto é controlado. Decidiu dedicar-se a esta causa pelo resto de sua vida, por influência de Anísio Teixeira. Criticado, exilado, preso e doente, nada impediu que continuasse sua luta pela educação no país e na América Latina. Mas isso não quer dizer que houvera deixado de escrever e trabalhar no Rio de Janeiro com Leonel Brizola, em Minas Gerais ou no Senado. Ao contrário, sabia da importância do registro escrito e escreveu vários livros sobre inúmeros assuntos. Por esse motivo é que estudar este pesquisador é um desafio.

Escreveu apaixonado pelo Brasil. O mais interessante em sua obra é que consegue buscar nos chamados “germes da história”, o orgulho de ser brasileiro. Quando se refere ao negro brasileiro,

não somente ao negro, pura e simplesmente, mas faz questão de endossar essa qualidade, a de negro, “o negro retinto”. É sensível a sua crítica à história brasileira quando se refere aos engenhos como “Moinhos de gastar gente”, como foram escritos em *O povo brasileiro*.

No livro *Ensaio Insólitos*, incluiu o artigo “Sobre o óbvio”, onde trata, com ironia, a história da educação no Brasil. Este foi originalmente um texto em que esse autor apresentou num simpósio sobre o ensino público ocorrido em 1977 em São Paulo.

Como se vê, esse autor que dedicou sua vida e produção literária em busca de uma identidade nacional, não somente em termos de um sentido simbólico, como também em termos de um projeto para o Brasil para que o povo desta nação tenha um crescente orgulho de ser brasileiro. Para isso focalizou a formação étnica como a formação educacional e política desse povo.

2 – O novo objeto

Darcy Ribeiro, por ter se dedicado tanto tempo ao estudo de tribos indígenas, recebeu uma formação antropológica que permeia todos os estudos de sociedades humanas. Sua formação teórica foi aplicada para o estudo de sociedades nas quais os antropólogos geralmente não se pré-dispunham a estudar, as industriais, que ficavam delegadas aos sociólogos. O autor traz para essas sociedades a metodologia antropológica de estudo, tipificando as diferentes sociedades em determinados contextos históricos e sociais.

Este pesquisador inicia seus estudos antropológicos das sociedades industriais, o novo objeto da Antropologia que o autor se propõe a estudar, bebendo nas fontes mais tradicionais como Lewis Morgan, Karl Marx e Engels, desfazendo inclusive certos parâmetros de interpretações corriqueiras a respeito de Karl Marx quando se diz que ele havia respeitado copiosamente a linha evolutiva: comunismo primitivo – escravismo – feudalismo – capitalismo. Convencionou-se esse aspecto entre as pessoas que estudaram superficialmente Karl Marx, diferente de como Darcy Ribeiro havia feito para compor *O processo civilizatório*. É dito por muitos que Karl Marx havia concordado que esse processo seria integralmente universal, mas Darcy Ribeiro vê mesmo em Karl Marx que quando ele trata de civilizações asiáticas, diferentes sociedades podem ter alcançado o feudalismo sem passar pelo estágio escravista. Logo, suas teorias não podem ser universais, e nem mesmo explicam a si próprios. D. Ribeiro aponta aí à necessidade de pluralizar os estudos evolutivos. Isso deixa uma brecha para a nova Antropologia que o autor foi capaz de ousar remodelar e esboçar uma teoria de formação e sentido do Brasil. Ribeiro vê em Marx uma imensa preocupação em tipificar os modos de produção, enquanto ele preocupa-se em estudar as relações sociais que são engendradas dentro desses modos-de-produção (RIBEIRO. Darcy. 1987).

Darcy Ribeiro segue citando vários autores que apontam para estudos da humanidade partindo do progresso tecnológico que diz ele ser possível permear todas as sociedades humanas, concordando em certo nível com as teorias difusionistas. É com base nas novas tecnologias desenvolvidas que a sociedade irá organizar-se. É no ponto da organização da sociedade enquanto modo-de-produção que já se torna difícil traçar linhas de evolução humana, tendo visto que diferentes sociedades organizam-se diferentemente com basicamente as mesmas tecnologias diacronicamente. As formas de domínio da natureza, visando à produção, são inúmeras, mas sempre submetidas às tecnologias vigentes, ao meio ambiente e às necessidades materiais do homem. Mais difícil ainda, provavelmente impossível, seria classificar as sociedades no plano cultural que abarca o plano ideológico que cada sociedade irá arquitetar para justificar sua organização social, seu modo produtivo. A retórica ideológica de legitimação da ordem produtiva depende das construções culturais do povo, envolvendo aspectos da casualidade, aspectos psicológicos, históricos, políticos, religiosos etc... Darcy Ribeiro afirma haver uma relação intrínseca entre a tecnologia – modos de produção – formação ideológica, mas sente a dificuldade em estabelecer fases evolutivas gerais quanto ao modo de produção e maior dificuldade ainda quanto às formações ideológicas, que diz ser impossível (RIBEIRO, Darcy. 1987).

Para isso utilizando as formas tecnológicas universais, adicionando-se o elemento conjuntural do meio-ambiente, D. Ribeiro arquiteta seus estudos da sociedade brasileira, levando em conta a natureza como agente condicionador externo a cultura que forçará cada sociedade a adaptar-se às formas geológicas e climáticas mais adversas para a produção.

Darcy Ribeiro trata das várias formas de organização social para exploração dos recursos da natureza e do homem como a extração do pau-brasil, do açúcar, do ouro e do café. Analisa então o povo brasileiro em suas fases evolutivas partindo dos modos de controle do meio ambiente para a formação dos modos de produção, levando em consideração os agentes psicológicos, econômicos, políticos e culturais que são construídos, e que constituirão os elementos da brasilidade.

O autor faz um percurso dos ideais brasileiros, começando com o Sonho da Terra Sem Males, da nação Tupi, passando pelo Desejo de Construir a Cidade de Deus na Terra, que os jesuítas sonhavam, até chegar ao *Brasil Viável Economicamente*. Chega a afirmar que o Brasil “não deu certo” em aspectos econômicos, mas socialmente muita coisa “deu certo”, no sentido de que a nacionalidade permeia todas as regiões brasileiras unindo o povo essencialmente pela língua e pela vontade geral da união. Ao afirmar que o Brasil não deu certo, Darcy Ribeiro imprime suas nuances Marxistas invocando mudanças sociais que são trabalhadas durante toda a obra *O povo brasileiro*. Darcy Ribeiro tenta ajudar a construir um orgulho nacional partindo dos primórdios da construção

da nação, fazendo o leitor a identificar-se mais com as três matrizes étnicas, na intenção de “ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo” e a “construir um país decente”.

2 – Geração do Livro *O povo brasileiro*

Darcy Ribeiro confessa no prefácio de *O povo Brasileiro*:

“(…)Não se iluda comigo, leitor. Além de antropólogo, sou homem de fé e de partido. Faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um fundo patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas. Este é um livro que quer ser participante, que aspira a influir sobre as pessoas, aspira a ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo”. (RIBEIRO, Darcy. 2001:17).

Como mostra a passagem expressa, Darcy Ribeiro é um antropólogo, político e patriótico. É um antropólogo revolucionário quando, juntamente com Roberto da Matta, quis ampliar os estudos antropológicos para novos objetos. (ANDRADE, Maristela de Oliveira. 2000). Como antropólogo patriótico, tomou como maior desafio em sua vida escrever uma obra que explicasse como surgiu e qual o sentido do Brasil (como diz no prefácio do mesmo livro). Passou trinta anos para escrever *O povo brasileiro* por que esteve sempre muito ocupado com sua vida política no Brasil e na América Latina. Escreveu e reescreveu várias vezes as inúmeras passagens dessa obra porque sentia essa necessidade maior do que viver. Enquanto os noticiários diziam que Darcy fugiu do hospital para morrer em Maricá, ele escreve: “Fugi do hospital, aqui para Maricá, para viver e também para escrevê-lo”. (refere-se ao *O povo brasileiro*) (RIBEIRO, Darcy. 2001:11).

Darcy Ribeiro faz parte da nova classe de intelectuais que aspira atuar diretamente na sociedade, transformando-a, não por revoluções rápidas como pregavam os marxistas mais ortodoxos, mas pelo lento e gradual processo de educação em massa e de boa qualidade. (BOMENY, Helena. 2000). Ele sabia de suas múltiplas influências teóricas, de ser um partidário político e de que sua obra está permeada por um sentimento patriótico evocando mudanças como o próprio autor diz: “(…) Este é um livro que quer ser participante, que aspira influir sobre as pessoas(…)”(RIBEIRO, Darcy. 2001:17)

É um livro que estimula a participação na medida em que ajuda o leitor a encontrar uma identidade nacional nesta mistura de raça, cores e culturas. Mesmo que ele faça, em certas passagens de sua obra, uma historiografia copiosa. Como fez ao discutir sobre a inconfidência mineira, endeusando Tiradentes, o que a historiografia dos anos 90 não faz mais. Talvez seja pela sua vontade em criar valores patrióticos nos leitores.

Darcy Ribeiro afirma no prefácio do livro *O povo brasileiro*, que tomou como grande desafio de sua vida, talvez o maior que se propõe a fazer, escrever um livro que explicasse a formação e o sentido do Brasil. Este livro deveria responder a uma pergunta: “Por que o Brasil

ainda não deu certo?” Para isso demorou trinta anos para esboçar uma visão geral da formação e do sentido do Brasil.

Reescreveu o livro por completo no mínimo três vezes. A primeira versão, em meados da década de 50, nem chegou a ser mandado a alguma editora, segundo o próprio autor. Já no exílio do Uruguai, reescreveu-o novamente. Este livro, segundo ele, não dizia nada, não chegava a responder a pergunta geradora: “Por que o Brasil ainda não deu certo?”

Darcy Ribeiro queria chegar a uma teoria geral do Brasil. Queria explicar sua formação em seus próprios termos e pela sua própria história para chegar a uma conclusão sobre os sentidos que o Brasil tomou, o sentido que o Brasil tem hoje, para responder a sua antiga pergunta e dar pistas ao leitor e ao povo brasileiro de como participar de “uma luta por um Brasil decente” (RIBEIRO, Darcy. 2001:17)

Mas o que agiganta sua obra, além da difícil pergunta que se faz, é que o autor, para tornar o Brasil explicável, sentiu a necessidade de criar novas teorias. Então essa pesquisa que inicialmente era uma introdução explanativa sobre a história do Brasil, desencadeou uma composição de vários livros. Novas teorias que revolucionaram os estudos antropológicos de todo o mundo. Os clássicos eram incapazes de nos explicar, ofereciam explicações que talvez só apontassem tentativas de explicarem a si próprios. Darcy Ribeiro diz: “não explicavam nem a história dos povos orientais, nem do mundo árabe e nem a nós, latino-americanos.”(RIBEIRO, Darcy. 2001:14) Eram teorias eurocêntricas demais, e falhas segundo a visão do autor.

Diante deste vazio teórico para explicar o surgimento da nação brasileira multiétnica, Darcy Ribeiro cria novas teorias através de um reexame das revoluções tecnológicas como agentes diretamente transformadores do curso histórico, de novos processos civilizatórios e de novas formações sócio-culturais. Estes estudos resultaram na famosa e revolucionária obra *O processo civilizatório* que abriu as técnicas e a antropologia para novos objetos de estudo como os diferentes tipos de sociedades rurais, sociedades urbanas, industriais, mercantilista etc...

Durante o curso da pesquisa de explicação de nós mesmos, Darcy Ribeiro diminui os 10 mil anos de história humana para 500 anos de exploração da América Latina afim de explicar o desenvolvimento desigual dos povos americanos. Para isso, um novo livro: *As américas e a civilização*.

Neste momento Darcy Ribeiro, para formular uma explicação para o Brasil, sentiu a necessidade de arquitetar pelo menos três teorias que se faziam urgentes. Uma teoria de base empírica das classes sociais que Karl Marx contribui, mas não se adapta as realidades brasileiras e latino-americanas. Uma tipologia das forças de poder e militância política, seja conservadora, reordenadora ou insurgente. E por fim, uma teoria da cultura que deu origem ao *Dilema da América Latina* que busca explicar a formação cultural dos povos americanos, que é multiétnica, e propõe

um novo estudo das classes sociais, fazendo um paralelo sociológico dos modismos europeus e influências norte-americanas à criatividade popular na América Latina. Esta foi guiada pelas relações de forças que os EUA exerceram nos setores de comunicação em massa, manipulando a opinião pública e deformando a cultura nacional conforme seus interesses. *Os brasileiros: Teoria do Brasil* situa didaticamente o Brasil dentro das explicações que os três livros trazem. *O índios e a civilização* explica como as comunidades indígenas reagiram ao “processo civilizatório” das sociedades industrializadas. Expõe, com vários exemplos de tribos indígenas pelo Brasil, o processo de *transfiguração étnica*, através do qual os povos surgem, transformam-se ou morrem.

O povo brasileiro é a última obra resultante deste amadurecimento. Com menos apego às técnicas acadêmicas, Darcy Ribeiro tira uma licença para incutir seu patriotismo. Para explicitar o seu projeto de Brasil através da pergunta “Porque o Brasil não deu certo?”. Nessa obra, expressou valores da forma que lhe aprouvera, o que não diminui seu valor, mas a torna polêmica e por isso a necessidade de estudá-la. Esta obra analisa as matrizes étnicas constituintes do povo brasileiro, sua maior contribuição e faz um estudo das classes sociais e da composição do poder durante a história do Brasil, para explicar sua formação. Faz ainda uma análise dos sentidos que o Brasil tomou neste processo. O Brasil da Terra Sem Males, do mito tupi, da Cidade de Deus, desejado pelos jesuítas em sua “missão civilizatória”, e o *Brasil economicamente viável*, da atualidade.

3 – Referências bibliográficas

BOMENY, Helena. Darcy Ribeiro: um sociólogo indisciplinado. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2001.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização; etapas da evolução sócio-cultural. Petrópolis. Ed. Vozes, 1983.

RIBEIRO, Darcy. Os brasileiros: Teoria do Brasil. Petrópolis. Ed. Vozes, 1990.